



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA NA PARAÍBA

José de Sousa Campos Júnior (MLI/UEPB)

INTRODUÇÃO

Os autores de literatura das últimas décadas vêm inovando cada vez mais em relação ao modo de construção do texto literário. Isso se tornou possível, sobretudo, a partir do movimento modernista do século XX, uma vez que um de seus postulados era justamente a inovação no modo de escrever literatura, através de vários métodos criativos e composicionais. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina, sobretudo a partir dos anos 1970/80 passou a empregar uma linguagem diferente da usual.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a produção da literatura contemporânea feminina, especificamente a partir dos livros de contos das escritoras contemporâneas paraibanas Mayara Almeida (*Entre nós e laços*, 2013) e Letícia Palmeira (*Diário Bordô e outras pequenas vastidões*, 2013), para investigar as formas que a literatura de autoria vem assumindo, uma vez que, no caso destas autoras, torna-se difícil uma classificação de sua obra quanto ao gênero literário. Sendo assim, refletiremos sobre os limites e deslimites dos gêneros literários, observando como esse tipo de construção se tornou mais recorrente na contemporaneidade, para propor que este estilo é uma característica acentuadamente da literatura produzida por mulheres.

Para tal fim, analisaremos o tipo de construção literária utilizada pelas autoras em foco, atentando para aspectos linguísticos, estilísticos, e formais das obras literárias para mostrar de que forma é concretizada essa estética de oposição ao canônico. Basearemos a discussão nas ideias de Josefina Ludmer (2010) sobre literatura pós-autônoma, bem como nas considerações teóricas sobre o gênero literário conto de Walnice Nogueira Galvão (1983) e nas discussões sobre a produção literária contemporânea de Beatriz Resende (2008).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

PARA COMEÇO DE CONVERSA: A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO ESTADO DA PARAÍBA

A literatura de autoria feminina, em âmbito nacional, já vem se consolidando há alguns anos, com nomes nacionalmente famosos, como Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Miriam Alves, Márcia Denser, entre outras. No entanto, essas autoras vivem principalmente na região Sudeste do Brasil, ou seja, na região mais rica e com mais condições político-culturais de incentivo à produção e divulgação de escritoras. Em outras áreas do país, essa situação não é tão fácil assim, no Nordeste, por exemplo, falta empenho para que se divulguem autoras que possuem uma obra já consolidada, ou até mesmo outras que estão iniciando agora e se mostram muito promissoras.

No caso do estado da Paraíba, percebemos de um lado um mercado editorial fraco, onde não é tão fácil conseguir publicar um livro, e de outro, a própria fragilidade do cenário cultural paraibano, no qual a sociedade não reconhece as escritoras do próprio estado e pouco valoriza a literatura produzida no referido estado. Falta divulgação do que é produzido neste estado no que diz respeito à literatura.

Nos poucos livros de história e crítica literária da Paraíba, poucas são as escritoras que aparecem, ou que são consideradas dignas de reconhecimento pelos autores dessas obras. Há uma carência no que se refere à historiografia literária que contemple o período mais recente da produção literária local. Nas duas últimas décadas houve um crescimento significativo do número de obras literárias publicadas por mulheres. É preciso um trabalho de divulgação e valorização das nossas escritoras para que haja a consolidação da produção literária local. Também se mostra necessário uma conscientização da população em geral no que diz respeito ao fato de conhecer estas produções e reconhecê-las enquanto manifestações do nosso povo.

NOVOS CAMINHOS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: A CENA PARAIBANA

Cada vez mais novas formas de construção literária estão surgindo no âmbito da literatura brasileira, resultando em obras que suscitam reflexões em torno das características



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

do texto literário e da própria definição de literatura. Esse quadro de mudanças não acontece somente no Brasil, em outros países da América do Sul também vem ocorrendo fenômeno similar, como no caso da Argentina. Sobre a literatura produzida neste país e em outras noções latino-americanas, a crítica literária Josefina Ludmer (2010, p. 1) afirma que “muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior”. Assim, se esses “novos textos” confrontam diretamente categorias e noções tidas antes como eternas e imutáveis, novas formas de lê-los e tratá-los devem ser pensadas.

Dessa forma, vem surgindo, nesses países e também no Brasil, uma necessidade de redefinição de categorias e métodos de análise do texto literário, colocando em questão até mesmo postulados da teoria literária tradicional. Se surgem novos tipos de escrita também surgem novas perspectivas de abordagem. Contemporaneamente, há fatores de ordem histórica, social e econômica que influenciam no contexto de produção dessas obras. Novas demandas quanto ao conteúdo e linguagem são supridas, bem como novas maneiras de recepcionar estes objetos. A crítica literária mencionada acima chama esse tipo de produção de “literatura pós-autônoma”, as quais são práticas literárias territoriais do cotidiano, que se fundem sob duas considerações sobre o mundo atual: “o primeiro é que todo o cultural (e literário) é econômico e todo econômico é cultural (e literário). E o segundo postulado dessas escrituras seria que a realidade (se pensada a partir dos meios que a constituiriam constantemente) é ficção e que ficção é a realidade” (2010, p. 2). Neste sentido, as fronteiras entre história e literatura, realidade e ficção estão se apagando. Sobre este último par binário, há uma tendência nos escritos contemporâneos em não mais opor a realidade à ficção, mas sim há um movimento em unir, misturar e até confundir estas duas categorias antes antagônicas.

Assim, esses novos modos de narrar e escrever determinaram o fim da autonomia literária, arranjando-a em um novo regime de produção e tornando-a pós-autônoma: “em algumas escrituras do presente que atravessaram a fronteira literária (e que chamamos pós-autônomas) se pode ver nitidamente o processo de perda da autonomia da literatura e as transformações que produzem” (LUDMER, 2010, p. 3). Dessa forma, obras dessa natureza se configuram numa estética de oposição, uma vez que possuem características opositoras ao



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

considerado tradicional. Elas quebram regras e rompem barreiras em diversos níveis: estruturais, semânticos, linguísticos, categorias literárias. Analisando a produção literária brasileira mais recente, Beatriz Resende elenca quais os principais recursos verificados em diversas obras nacionais que as tornam opositoras ao discurso hegemônico:

“a apropriação irônica, debochada mesmo, em alguns casos, de ícones do consumo; a irreverência diante do politicamente correto; a violência explícita despida do charme hollywoodiano; a dicção bastante pessoalizada, voltada para o cotidiano privado; a memória individual traumatizada, seja por momentos anteriores da vida nacional, seja pela vida particular; a arrogância de uma juventude excessiva; a maturidade altamente intelectualizada; a escrita saída da experiência acadêmica e assim por diante” (RESENDE, 2008, p. 20).

Entretanto, as obras que podem ser consideradas pós-autônomas não se restringem a esse caráter anti-hegemônico, elas não necessariamente precisam criticar alguma mazela social ou outro ponto específico. O próprio discurso que a obra assume, por ser contrário à estética tradicional, já representa um caráter contra o poder estabelecido. Para ilustrar o que foi exposto até agora, passaremos às considerações a respeito das obras das escritoras paraibanas em questão; começaremos analisando *Entre Nós e Laços* (2013), de Mayara Almeida, e, em seguida, nos deteremos no *Diário Bordô e outras pequenas vastidões* (2013), de autoria de Letícia Palmeira.

Na primeira obra mencionada logo acima encontramos textos escritos em um tom confessional que assumem uma dicção pessoalizada levada ao extremo, uma vez que os escritos tem um caráter de conselhos, quanto a vários aspectos da vida cotidiana, como questões amorosas, relações humanas; apresentam questões filosófico-existenciais em formas de pensamentos; além de reflexões sobre como encontrar esperança, felicidade e maturidade, a exemplo do texto intitulado “Imaturidade de(s) prazer”:

Algumas pessoas esperam encontrar felicidade ali, logo ali, quase lá. E trocam de companhia para acertar, e trocam de cor, de carro, de casa, de sobrenome, de sexo, e tudo mais que estiver disponível neste mundo tão moderno e ao mesmo tempo tão longe de ser menos limitado. Mas o prazer, esse aí do título, exige maturidade, mais do que idade elevada e formação acadêmica, é coisa encantada, pertencente às estrelas ou constelações – sideral – e também vontade de potência pessoal, coragem, porque se não for assim, não importa a mudança externa que se faça, vai doer o mesmo, de novo, porque a imaturidade causa desprazer. (ALMEIDA, 2013, p. 41).

Por meio da leitura deste texto (que está transcrito na íntegra) podemos perceber características apontadas no parágrafo anterior. O tom e a dicção de “Imaturidade de(s) prazer” lembram também o discurso dos livros de autoajuda, o que leva àquela velha



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

discussão entre os limites do texto de autoajuda e o literário. Mas, além disso, nos força a refletir acerca do que entendemos por “conto”. Na ficha catalográfica de *Entre Nós e Laços* há a catalogação da obra como conto. No entanto, verificamos, a partir do texto extraído da obra, que não existem ali as categorias narrativas que tradicionalmente dão suporte para a identificação do texto como sendo um conto (me refiro às categorias personagens, tempo, espaço, enredo, foco narrativo) ou uma narrativa. Portanto, essas questões nos levam a pensar se realmente a obra de Mayara Almeida seria um livro de contos. Este tipo de escritura, em que fica difícil uma classificação quanto ao gênero literário, é cada vez mais recorrente em nossa literatura, principalmente no âmbito da autoria feminina.

No *Diário Bordô e outras pequenas vastidões*, também existem as características apontadas na obra comentada anteriormente, entretanto, não são levadas ao extremo como em *Entre Nós e Laços*. Nos escritos de Letícia Palmeira acrescentamos o fato de fazer referência ao gênero textual diário, indicado no próprio título do livro. Porém, ao contrário do que poderíamos supor, uma vez que essa similaridade com diário poderia atribuir aos textos um tom mais confessional do que o verificado na primeira obra analisada, isso não acontece, ou seja, não é levado ao extremo. Os textos de *Diário Bordô e outras pequenas vastidões*, classificados na ficha catalográfica como contos, apresentam títulos, diferentemente de um diário convencional, e são datados no final, característica em comum com os diários. Não há nenhuma outra semelhança direta com o gênero diário. O que existem são caracteres que nos remetem ao gênero confessional, como o fato de os textos tratarem de aspectos cotidianos, através de uma linguagem irônica, próxima da oralidade, e cheia de expressões ligadas ao mundo cibernético das redes sociais e dos jovens:

“Já percebeu como é difícil dizer a verdade? Eu mesma venho mentindo a mais de uma década. Ou duas. Ou três. Constatei isto após levar o cano. Cano extenso e de grosso calibre. E, para completar o coreto, me senti tresloucada ao ouvir duas meninas conversando. Elas se perguntavam: Tá ligada? Eu, flutuando em meu culto linguajar, fiquei feito louca, procurando o fio e a tomada. Eu não estava ligada. Era dia e eu quis agradecer. Decidi comprar lingerie. A melhor forma de lidar com a imbecilidade é aceita-la. De cara. Sem dó nem piedade. Comprei um monte de lingerie. Todas as peças mais ridículas que se possa imaginar” (PALMEIRA, 2013, p. 22).

Podemos verificar neste trecho que a matéria narrada não é o que usualmente poderíamos encontrar em um diário de uma adolescente. Não são confissões despretensiosas, que revelam somente o medo e angústias de uma jovem com relação ao seu “pequeno



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

mundo”. *Diário Bordô* apresenta um tom irônico que lhe garante um caráter crítico em relação aos acontecimentos observados no cotidiano da sociedade em geral. Ou seja, partindo de uma aparente confissão pessoal, individual, o texto assume um aspecto coletivo, na medida em que essas “pequenas vastidões” afligem a quase todas as pessoas na atualidade, trazendo junto com isso reflexões e pensamentos filosóficos como os observados na obra.

Dessa forma, estas duas obras nos permitem afirmar que há em seus textos uma escrita de si. Não no sentido tradicionalmente empregado, isto é, como um texto memorialista e/ou de cunho autobiográfico, mas no sentido de que os textos destas autoras carregam um pesado tom confessional (através da linguagem em primeira pessoa do singular e das características apontadas acima), plasmando-se ali conselhos de ordem diversa e confissões num tom descontraído, nos quais suas experiências pessoais podem se configurar como matéria-prima para o texto narrado. Ou seja, é um falar de si mesmo. É justamente sobre essa questão que Ludmer (2010) comenta, ao afirmar que os limites entre ficção e realidade estão se apagando, deixando de ser opostos para tornarem-se diluídos um no outro.

Esta voz sussurrada em um tom de conselho (*Entre nós e Laços*) ou em um tom irônico e passional (*Diário Bordô*) observada no discurso das duas obras é determinada pela temática dos textos: os sentimentos e dilemas cotidianos que afligem cada indivíduo. Nesse sentido, a temática assume a importância que alguns estudiosos já constataram no que diz respeito à escrita feminina: ela “se torna o elemento central e balizador dessa escrita, porque é através das representações (...) dos pontos de vistas, das maneiras de focalizar os assuntos que os motivos literários dessa escrita específica são evidenciados” (SILVA, 2010, p. 35). Porém, diferente dos textos produzidos por mulheres no Brasil nas décadas de 1980 ou 1990, por exemplo, nos textos destas autoras paraibanas notamos, além do papel fundamental da temática na construção do texto, o apagamento de fronteiras entre gêneros literários, literatura e não literatura, e entre realidade e ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa forma de construção do texto literário, verificada nas obras comentadas neste trabalho, é indício de que há uma tendência na literatura brasileira que pode ser chamada de



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

“literatura pós-autônoma”. Essa afirmação, obviamente, precisa de uma pesquisa mais detalhada e mais ampla para dar suporte a esta teoria. Assim, preliminarmente, apontamos este estilo como uma tendência da literatura escrita por mulheres, sobretudo os textos produzidos no início deste século. É a escrita feminina que está atingindo outros níveis de abrangência, proporcionando novas discussões em torno do termo “literatura”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mayara. **Entre Nós e Laços**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2013.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Revista Sopro, nº 20, Janeiro de 2010, p. 1-4.

PALMEIRA, Letícia. **Diário Bordô e outras pequenas vastidões**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: _____. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p. 15-40.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Ainda sobre escrita feminina: em que consiste a diferença?** Revista Interdisciplinar, ano 5, vol. 10, Itabaiana-SE, jan-jun de 2010, p. 29-43.